

Etnomialogia: diversidade e sua interseção com a difusão científica¹

Ricardo Alexino FERREIRA²
Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo tem por objetivo entender o processo de construção da difusão científica na cobertura de grupos sócio-acêntricos em abordagem etnomialógica. A etnomialogia, conceito ainda novo nos estudos da Comunicação, em sua interseção com a diversidade étnico-social, permite entender a comunicação midiática no seu sentido multi e transmidiático e como um sistema integrado, interdisciplinar e especializado. Na contemporaneidade, a cobertura jornalística de questões relacionadas à diversidade tornam-se um desafio para os comunicadores implicando em um complexo campo da difusão científica. Este artigo traz parte dos resultados da tese de livre-docência *Os critérios de noticiabilidade da mídia impressa na cobertura de grupos sócio-acêntricos em abordagem etnomialógica*, defendida pelo autor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Etnomialogia; Critérios de noticiabilidade; Difusão Científica; Divulgação Científica; Diversidade; Etnicidade.

Introdução

“Cuido de pequenas e grandes notícias e, se não tem nenhuma, saio e mordo um cachorro”. Essa máxima do personagem Charles Tatum, um jornalista que sonha com o cobiçado prêmio jornalístico Pulitzer, no filme *A montanha dos sete abutres (Ace in the hole)*³, produção de 1951, dirigido por Billie Wilder, é uma metáfora da relação histórica que jornalistas vêm tendo com a informação. Sob a égide da liberdade empresarial, que se sobrepõe em muitos momentos à liberdade de imprensa, a informação torna-se um produto de barganha na disputa pelo consumidor.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor associado/Livre-docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: alexino@usp.br

³ Wilder, Billy. *A montanha dos sete abutres (Ace in the hole)*. EUA: Paramount. Vídeo: CIC. 1951.

Adestrados nos cursos de Jornalismo e nas empresas jornalísticas a seduzir o público, o olhar do profissional da informação fica suscetível, muitas vezes, mais com a espetacularização do que com as implicações sociais que essa mesma informação possa ter, havendo uma ênfase no valor-notícia e nos critérios de noticiabilidade.

Para entender esse processo pode-se citar uma metáfora de Edwin Diamond:

Dois executivos de uma cadeia de televisão norte-americana assistiam a três telejornais ao mesmo tempo. Uma das notícias do dia relatava um incêndio num orfanato em Staten Island. Após o final da reportagem, um dos executivos lamentava-se porque uma televisão concorrente tinha melhores imagens na sua reportagem. ‘As chamas deles são mais altas que as nossas’. Mas o outro executivo respondeu: ‘Sim, mas a nossa freira chorava mais alto que as outras’.
(CANAVILHAS)⁴

Dentro desse contexto, a principal proposta deste artigo é entender como se dão na contemporaneidade os mecanismos de construção da informação focada na diversidade étnico-social, na perspectiva da difusão científica.

Para esse tipo de análise, esta pesquisa irá fazer recorte epistemológico no conceito etnomidialogia⁵ e em que medida os critérios de noticiabilidade, construídos organicamente pela imprensa, podem redimensionar ou até mesmo transformar as questões de diversidade que essa nova área do conhecimento se ocupa.

Dessa forma, a diversidade é entendida aqui a partir do termo sócio-acêntrico, que tem o sentido conceitual de segmentos sociais, étnicos e de gênero, dentre outros, que, independente da quantidade, têm pouca representação social, política e econômica (inserção no mercado de trabalho, ocupação de cargos de poder e outros) e tem como equivalentes históricos as expressões “grupos minoritários” ou “grupos minorizados”.

Historicamente é possível perceber a alteração dos termos que tratam a diversidade nos estudos da Comunicação. Em um primeiro momento, o termo adotado era o de grupos minoritários (utilizado com ênfase na Sociologia), principalmente nas décadas de 70 e 80.

⁴⁴ Este trecho de Diamond foi extraído do artigo *O domínio da informação-espetáculo*, de João Canavilhas, colocado no formato de epígrafe. (CANAVILHAS, João. O domínio da informação-espetáculo na televisão. Universidade da Beira Interior. Portugal: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>)

⁵ O termo “Etnomidialogia” foi utilizado pela primeira vez na tese de livre-docência *Os critérios de noticiabilidade da mídia impressa na cobertura de grupos sócio-acêntricos em abordagem etnomidialógica*, defendida pelo autor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 2011.

No entanto, o termo começou a provocar confusão semântica já que muitas pessoas atribuíam a esses grupos características quantitativas (composto por poucos indivíduos), levando a distorções da realidade.

Por exemplo, no Brasil o segmento afro-brasileiro corresponde a um número expressivo da população, mas é considerado um “grupo minoritário”. Daí a utilização do termo minorizado, nos anos 90, em estudos que abordavam a questão da diversidade e etnia em Comunicação para evitar tais conflitos semânticos.

No entanto, o termo “minorizado” mostrou-se impreciso em sua significação e neste artigo será adotado o termo sócio-acêntrico, que possibilita um entendimento mais apropriado da diversidade na contemporaneidade e no campo da Etnomialogia.

Neste artigo, parte-se ainda da perspectiva que na contemporaneidade existem tendências marcantes de transmutação da sociedade de informação, como meio de criação de conhecimento, para a sociedade midiática, implicando em conjuntos de mudanças significativas e paradigmáticas e exigindo a construção e reconstrução de novas teorias midiáticas e novas práticas profissionais. O que vai exigir do jornalista a utilização das ferramentas da difusão científica.

Percebe-se que há no momento uma tendência acentuada para a convergência das mídias e também a construção de outras identidades midiáticas e culturais ao mesmo tempo em que há simplificação por parte da imprensa em retratar tais fenômenos. Ou seja, a imprensa está imersa em paradoxos e, por vezes, contradições em que há avanços e retrocessos nos mesmos campo e espaço.

No caso, para compreensão desses fenômenos, principalmente em sua interseção com a diversidade étnico-cultural, a etnomialogia permite entender a comunicação midiática no seu sentido multi e transmidiático e como um sistema integrado, interdisciplinar e especializado. Ela se baseia no enfoque sistêmico da Teoria Geral dos Sistemas, em que há necessidade de contextualização, conexão de idéias e síntese, envolvendo um conjunto de disciplinas que tratam a nova comunicação midiática a partir de um viés verticalizado e de aprofundamento.

Isso porque a Teoria Geral dos Sistemas permite uma organização dos fenômenos para melhor compreendê-los. Formulada por Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), que criticava a divisão das áreas do conhecimento porque entendia que os sistemas deveriam ser estudados globalmente para melhor compreender as suas interdependências. O modelo da Teoria Geral dos Sistemas envolve três condições para a construção do seu conceito:

contextualização do fenômeno que se está analisando para detectar as realidades circundantes, bem como as características intrínsecas, que afetam seu comportamento; mapeamento do fenômeno no tempo, de modo a definir as particularidades relevantes de seus antecedentes e a inferir possíveis desdobramentos no futuro; identificação da função que o sistema vem desempenhando e poderá vir a desempenhar. Edvaldo Pereira Lima o coloca como “conceito básico para a construção teórico-metodológica do livro-reportagem” (Lima, 1995: 18).

Nessa perspectiva, a etnomidialogia tem como base de construção conceitual o entendimento dos fenômenos sociais, culturais e políticos dos diferentes segmentos da sociedade (mais precisamente os grupos sócio-acêntricos) a partir das suas representações pela mídia e em produções como livros didáticos e outras e, também, de suas auto-representações em produções midiáticas próprias.

A terminologia etnomidialogia se funde também com a midialogia científica, pois é nela que irá buscar os novos conceitos de cultura em uma abordagem interdisciplinar.

A decifração do que vem a ser cultura torna-se um elemento importante para a compreensão da própria midialogia. Isso se tornou mais premente quando no final dos anos 1980, o mundo se vê envolvido em diversos conflitos nacionalistas, étnicos e religiosos, até então ofuscados por quase quatro décadas de guerra fria que bipolarizaram e favoreceram a hegemonia dos Estados Unidos no bloco capitalista e da extinta URSS no bloco comunista⁶.

Esses conflitos se intensificaram na década de 1990 com a queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, e o enfraquecimento dos países, do então bloco soviético, atolados em crises econômicas⁷.

⁶ A bipolarização do mundo pós-Segunda Guerra Mundial, entre EUA e URSS, aos poucos, ofusca (mas não elimina) os conflitos étnicos e separatistas de muitos países, principalmente na Europa. Após a Segunda Guerra Mundial, a hegemonia mundial dos Estados Unidos e da URSS leva o nacionalismo a "adormecer" em muitas nações, principalmente na Europa. Entender o nacionalismo requer uma reflexão profunda, uma vez que envolve complexidades. Segundo Anthony Smith, professor de Sociologia na Universidade de Londres e na London School of Economics, o nacionalismo é um movimento ideológico para atingir e conservar a autonomia, a unidade e a identidade em nome de uma população em que alguns dos seus membros consideram constituir uma "nação" real ou potencial. (Smith: 1991: 97)

⁷ Não se pode deixar de fazer a leitura que paradoxalmente, com o enfraquecimento e extinção da antiga URSS, os EUA e a sua política intervencionista se fortalece sobremaneira. Conforme o texto a seguir sinaliza: “Na metáfora agora tão batida da Queda do Muro entrou em colapso a concepção maniqueísta de valores complementares e soluções opostas que prevalecia desde pelo menos a passagem do século. É como se as cartas da ideologia estivessem sendo reembaralhadas e um novo jogo, ainda indefinido, começasse (...) A dualidade política foi substituída por um consenso. Uma só superpotência impôs domínio ao mundo”. (Folha de S. Paulo, 17 de agosto de 1997, pág. 1-8. Brasil (Caderno).

Com isso ocorre nos anos 1990 a recrudescência de projetos de autonomia nacional; os conflitos étnicos, religiosos, separatistas e de luta armada em todos os continentes. Ou seja, a partir dos anos 90 verifica-se que a maior crise não é motivada por disputas territoriais, mas por disputas culturais. Tem-se o que se pode nomear de cruzadas das culturas.⁸

Na micro-esfera, percebe-se em vários países a efervescência de movimentos sociais reivindicando cidadania. No Brasil é possível pontuar nesse período os movimentos por direitos civis dos afro-brasileiros – destacando as reivindicações por cotas e punição efetiva do “racismo”. A politização do segmento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo e criminalização da homofobia. As reivindicações dos idosos por maior atenção do Estado às questões de assistência médica, atendimentos preferenciais, gratuidade em passagens nos transportes públicos e cidadania. As lutas das mulheres, lésbicas e heterossexuais, por equiparação salarial em relação aos homens, direitos ampliados da maternidade, direito ao aborto.

Nota-se o surgimento dos *neo-cidadãos*, como o público infanto-juvenil, que através da efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁹ passam a ter direitos legitimados. No bojo dos grupos sócio-acêntricos podem ser incluídos os deficientes físicos (reivindicações de cotas e garantias de trabalho, adequações dos espaços públicos às necessidades de cada grupo de deficiência) e de outros segmentos que evocam também para si cidadania.

As últimas décadas se constituem em um efervescente debate sobre cidadania e o reconhecimento das diversidades (o que não implica respeito por elas ou efetivação de seus direitos). Verifica-se também que se inicia movimento de pressão dos grupos sócio-acêntricos sobre os poderes legislativo, executivo e judiciário; pela garantia dos direitos civis e

⁸ Nos anos 1980 e 1990 verifica-se a recrudescência dos seguintes conflitos por motivações étnicas e religiosas (como os ocorridos no Afeganistão, Argélia, Armênia, Azerbaijão, Bósnia-Herzegovina, Burundi, Egito, Líbano, Libéria, Palestina, Ruanda, Somália, Sudão, Tadjiquistão, Zaire e outros), lutas separatistas (Chechênia, Córsega, Curdistão, Espanha, Geórgia, Iran Jaya, Irlanda do Norte, Saara Ocidental, Sri Lanka, Tibet, Timor Leste) e o ressurgimento de movimentos armados de extrema esquerda na Colômbia e México. (Ferreira, Ricardo Alexino. *Olhares negros: estudo da percepção crítica de afro-descendentes sobre a imprensa e outros meios de comunicação*. São Paulo: ECA-USP. 2001).

⁹ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança (a pessoa até 12 anos de idade incompletos) e do adolescente (a pessoa entre 12 e 18 anos de idade incompletos, podendo em casos excepcionais essa fase ser estendida até os 21 anos) regido pela lei número 8.069, de 13 de julho de 1990. (www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm)

reconhecimento das diversidades sócio-culturais. Ou seja, verifica-se que há buscas de novas identidades no campo político-cultural e no espaço midiático.

Nesse caldeirão efervescente de complexidade de culturas é possível observar que a mídia apresenta dificuldades no trato desses fenômenos paradoxais e complexos. Muitas vezes, os veículos de comunicação na tentativa de informar os fenômenos os colocam desvinculados de contextos histórico-culturais e eliminam as conexões, transformando os acontecimentos em meros fatos.

Para entender a evolução dos grupos sócio-acêntricos na mídia, com ênfase no segmento afro-brasileiro, esta pesquisa faz análise do conceito de ciências e jornalismo na segunda metade do século XIX e a sua influência no pensamento jornalístico deste século XXI e como tais elementos foram moldando o pensamento étnico-midiático.

É importante destacar que ao se falar em ciência no final do século XIX se torna impossível não a associar ao conceito de “raça”, tão difundido naquele momento. O Brasil vivia nos anos de 1880 uma profusão de pensamentos e idéias. Porém, a que mais era preocupante e marcante no inconsciente coletivo, principalmente da elite, era transformar o país em uma nação civilizada. Isso significava ter como modelo o pensamento e o modo de vida europeus. Na Europa, dois paradigmas tomavam as discussões intelectuais, o Positivismo, de Augusto Comte, e o Evolucionismo, de Charles Darwin.

Esses paradigmas encontram campo fértil nos jornais da época, que reproduzem tais pensamentos nas *Seções Científicas*, exaltando-os. Não restam dúvidas que essas correntes foram bastante significativas para o avanço científico na compreensão da humanidade. Porém, no Brasil essas correntes são colocadas para justificar o *status quo* brasileiro, principalmente depois da abolição da escravatura, em 1888, e da Proclamação da República, em 1889. Ou seja, nas páginas dos jornais da época, as discrepâncias sociais, as relações políticas e o cotidiano eram forçados à luz do positivismo e do darwinismo social.

Ambicionando ser civilizado, o Brasil adota o modelo de ciência idealizado e o coloca como informação jornalística com pouca criticidade e eliminação dos conceitos ou dos métodos e metodologias. A ciência no papel jornal tem a funcionalidade de atestar as diferenças de raças, o desprezo por aspectos culturais e a manutenção dos privilégios de alguns poucos segmentos, aspirantes à europeização e à “civilidade”.

Esses tipos de visões da ciência, dos conceitos de raça e cultura persistem na imprensa brasileira até o final dos anos 1980, quando o mundo se vê frente a significativas mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais, marcadas pelo fim da Guerra Fria.

Esta pesquisa verificou como o jornalista na atualidade pode reforçar tal visão de mundo e reafirmar os conceitos hegemônicos de ciência, sociedade e cultura, tão enraizados no século XIX. Analisa, ainda, novas formas de abordagem da diversidade como elemento da informação, visando a promoção social e a promoção humana.

De que jornalismo se fala: os gêneros redimensionando a informação

O Jornalismo foi cada vez mais sofisticando as suas formas de linguagem e desenvolvendo os gêneros jornalísticos: Informativo ou Noticioso; Interpretativo; Opinativo e Literário. Vale mencionar que estes gêneros jornalísticos estão interligados e numa análise transversal é possível perceber que semanticamente eles se mesclam. Isso porque, a essência do Jornalismo por si só é informativa, interpretativa, opinativa, investigativa e, por que não, literária.

Luiz Beltrão apresenta essas categorias jornalísticas desmembradas: Jornalismo informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem); Jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade) e Jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião de leitor). (BELTRÃO, 1980).

Apesar de Beltrão não fazer referência ao Jornalismo Literário, ele é visto aqui como gênero jornalístico por ter característica peculiar, principalmente no que diz respeito ao livro-reportagem, que é um produto híbrido, envolvendo produção editorial (formato de livro) e produção jornalística (envolto em linguagem e edição jornalísticas).

No gênero informativo ou noticioso, o Jornalismo tem o compromisso direto com a informação. É o momento em que ele irá tentar passar para o leitor de maneira linear o fato ocorrido utilizando-se do recurso técnico do *lead* (primeiro parágrafo do texto e que traz as questões básicas O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como? e Por quê?); *sublead* (um aprofundamento dos dados do *lead*), desenvolvimento e conclusão. Ou seja, um texto construído na ordem direta e que dá a sensação de que quase não há nenhuma interferência do narrador.

Dentro da estrutura do texto informativo foram desenvolvidos modelos matemáticos de precisão, justamente para tentar demonstrar o distanciamento proposital (que estão longe de atingir o ideal de imparcialidade). Assim é possível encontrar a Notícia Sintética (NS), que implica unir e dar destaque ao Quem?, O quê? e Quando?, colocados como os 3Qs, cuja representação se dá da seguinte forma: NS=3Qs.

Em outras situações, constrói-se a Notícia Analítica (NA), que busca o máximo de informações disposta no *lead*, agrupando todos os dados: O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como? e Por quê? . A sua estrutura se apresenta da seguinte forma: $NA=3Qs+C+P+O$

Na imprensa, é possível observar que a maioria dos textos que aborda a questão da etnia está em uma linguagem informativa, ocupando o gênero informativo. Este fenômeno tem uma explicação lógica, pois quase todas as matérias envolvendo o segmento negro são factuais e se concentram em dados precisos e exatos.

É reconhecido aqui que o jornalismo tem relatado a situação do afro-brasileiro (é o grupo sócio-acêntrico que mais concentra matérias jornalísticas impressas), porém, são construídas poucas matérias de histórias de vida dos afro-descendentes, que tenham como ponto de partida as suas condições étnicas. Talvez, por se tratar de um assunto extremamente complexo, o jornalista tenda a buscar na ilusão da exatidão dos dados as suas afirmações. Se os dados estatísticos estão visíveis, quem os irá contestar? No entanto, este não é um mérito apenas das matérias envolvendo etnia, mas de quase todas as coberturas jornalísticas, principalmente no que diz respeito à questão social.

Um modelo que faz frente ao Jornalismo Informativo/Noticioso é o Jornalismo Interpretativo. Nele o jornalista encontra um desafio maior do que o do Jornalismo Informativo/Noticioso. Não que no Jornalismo Interpretativo o informativo não esteja inserido no texto, mas ele passa a ser colocado dentro de um processo de conexão de idéias e de contextualização dos fenômenos.

Mais do que nunca, é no Jornalismo Interpretativo que se espera do jornalista a capacidade de conexão de idéias e a contextualização dos fenômenos. Características que vão se adequar ao modelo de Bertalanffy, dentro da Teoria Geral dos Sistemas, e adaptado por Edvaldo Pereira Lima ao Jornalismo, envolvendo a contextualização do fenômeno que se está analisando; o mapeamento do fenômeno no tempo (o seu deslocamento no passado, presente e futuro) e a identificação da função (análise do efeito do fenômeno no presente e a projeção no futuro).¹⁰

Ao evocar este modelo, Edvaldo Pereira Lima está chamando a atenção para o livro-reportagem, que é o seu objeto de estudo. No entanto, o embrião da elaboração do livro-reportagem é o Jornalismo Interpretativo.

¹⁰ Lima, Edvaldo Pereira. Op.cit. p. 18.

Duas outras características marcam efetivamente o gênero Interpretativo. Uma delas é a reportagem e a outra é a busca da contemporaneidade. Conforme Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, as principais características de uma reportagem envolvem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.¹¹

Um gênero mais sofisticado de jornalismo tem-se imposto nas últimas décadas no Brasil: o Jornalismo Literário. Este gênero aparece em constante movimento dentro da história do Jornalismo. Em um primeiro momento, ele está essencialmente dentro da estrutura literária, depois cria identidade e linguagem próprias e se torna independente da literatura. E, finalmente, ele busca uma reaproximação da literatura, porém sem perder a sua principal característica que seria o jornalismo.

O Jornalismo Literário é o que mais se afina com a reportagem, resultando daí um produto híbrido chamado livro-reportagem, que envolve o sistema editorial e o jornalístico. Ou seja, a sua apresentação se dá através de livro (produção editorial) e o seu conteúdo, a sua essência, linguagem e captação da informação estritamente jornalística.

No entanto, este tipo de gênero pode se fazer presente também nos demais veículos (apesar de o seu espaço por excelência ser o livro-reportagem), principalmente em jornais e revistas. No Brasil, experiência neste sentido ocorreu com a criação da revista *Realidade*, que era uma publicação mensal, lançada em novembro de 1965, e foi uma primeira experiência da Editora Abril na área de revistas de informação geral. A revista teve grande aceitação do público. Na primeira edição foram lançados 251.250 exemplares. No número 11, já se computavam 505.300 exemplares. “Contribui para o sucesso indiscutível de *Realidade* sua feliz proposta editorial, que se casa com as condições em mudança no mercado de revistas.”¹²

Esse tipo de gênero, que permite o aprofundamento dos fenômenos, possibilitou a elaboração de matérias de capa significativas abordando a questão étnica no Brasil, em um momento que pouco se falava sobre o assunto. Quase todas as matérias demonstravam contemporaneidade, trazendo aspectos que não reforçavam apenas o lugar reservado historicamente para o afro-brasileiro (no futebol ou no samba ou na pobreza), mas também em outros espaços e, principalmente, resgatando a sua cidadania. Como esse gênero

¹¹ Sodré, Muniz e Ferrari, Maria Helena. Op.cit. p. 15.

¹² Lima, E.P. Op.cit. p. 168.

jornalístico no Brasil estava mais vinculado a publicações específicas, esse tipo de angulação somente vai ser retomado nos anos 90.

Outro gênero jornalístico vem sendo bastante usado nos últimos tempos pela imprensa brasileira. Zelosa durante décadas em esconder a sua opinião sobre os fatos, a imprensa de repente começou a admitir que também opina. Este fenômeno se amplia na mídia impressa (que sempre teve o espaço para editoriais e artigos), como na mídia eletrônica (rádio e televisão).

Os telejornais, inclusive, passam a adotar a figura do âncora, que parte do princípio de que o apresentador também deve opinar, comentar o fato. A inauguração desta fase envolve o fim da era Cid Moreira¹³ no telejornalismo, da Central Globo de Jornalismo, e acaba influenciando quase todos os telejornais das outras emissoras.

A abordagem do Jornalismo Opinativo segue outro tipo de critério e linguagem jornalística que o faz diferenciado dos demais gêneros, como o Informativo, Interpretativo e o Literário. O Opinativo se apresenta explicitamente no jornal no formato de editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor¹⁴.

Na visão de Otto Groth¹⁵, que considera o Jornalismo como uma Ciência e por esse motivo deve fixar-se na investigação do “ser e essência” do objeto, é possível o estabelecimento de quatro características básicas à concepção jornalística. A primeira é a *Periodicidade*, que é o intervalo que decorre entre o aparecimento de duas edições sucessivas de um jornal ou revista, considerado por ele como “ritmo de vida”. A segunda é a *Universalidade*, conceito possível devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação

¹³ O leitor de telejornal Cid Moreira marcou o papel de apresentador no jornalismo brasileiro ao impor um tipo de apresentação fria, sem emoção e muito menos marcada por comentários ou qualquer tipo de expressão facial. Sendo apresentador por várias décadas do telejornal *Nacional*, da Rede Globo, fazia parte do conceito de que o jornalismo é imparcial, daí nenhuma interferência de quem o veicula. A era Cid Moreira finda quando os apresentadores se tornam jornalistas e, por conseguinte, editores dos jornais que irão apresentar. Substituindo Cid Moreira, a Rede Globo escalou a jornalista Lilian Witte Fibe, que era a antítese do apresentador distante. Atualmente, Lilian já saiu da emissora e o jornal é comandado por William Bonner e Fátima Bernardes. Apesar de manter uma certa frieza e distanciamento (o único da emissora nesta linha), o jornal já não tem as mesmas características da fase Cid Moreira.

¹⁴ Alguns jornais criaram a figura do *ombudsman*, que é uma palavra de origem escandinava e significa ouvidor ou intermediário. A figura deste ouvidor foi usada pela primeira vez em 1809, na Suécia, quando o governo nomeou um *ombudsman* para tratar das queixas dos cidadãos contra o governo. Na imprensa, o primeiro *ombudsman* surge em 1967 e no Brasil, é a Folha de S. Paulo, que populariza a figura. São muitos os nomes que podem ser atribuídos ao *ombudsman* na imprensa: “representante dos leitores”, “advogado dos leitores”, “editor público” ou “editor de contato com o público”. Portanto, o *ombudsman* personifica o leitor crítico. A figura do *ombudsman* também pode ser observada em diferentes empresas e indústrias.

¹⁵ Bueno, Wilson da Costa. *O jornalismo como disciplina científica: a contribuição de Otto Groth*. SP: ECA-USP. 1972. p. 14-21.

que “possibilitou que o pequeno mundo de cada um se expandisse e que o ser humano viesse a se interessar não só pelo que ocorre a sua volta, mas por coisas, fatos e pessoas que estão geograficamente distantes”.¹⁶ Para Groth, este fenômeno referia-se a um “mundo presente”. A terceira é *Atualidade*, que seria a presença de fatos atuais, novos, que determinam a necessidade de o leitor procurar o jornal. Segundo Groth:

Actual no es lo mismo que nuevo. Actualidad en sí es una relación fuera del tiempo; es el concepto de un objetivo; expresa la relación de dos puntos en el tiempo. Significa el creer de un ser o de un hecho dentro de la presencia y del ahora. Actual es lo que cae en la presencia o que tiene en otros sentidos, una relación hacia la presencia. La novedad en cambio, no es un concepto del tiempo. La novedad indica que el sujeto-hombre no ha sabido algo hasta la fecha y se entera ahora. La novedad por tanto es algo cualitativo. Un relación directamente mental entre el sujeto y el objeto hasta entonces desconocida”. (BELAU, 1996: 19)¹⁷

Finalmente, a quarta característica é a *difusão*, que se caracteriza pela acessibilidade geral ao objeto. “Não importa tanto o número de pessoas que efetivamente lêem o jornal, mas, sim, o fato de que o periódico possa, em potencial, atingir ao maior número de leitores.”¹⁸

Considerações finais

Este artigo teve como proposta realizar abordagens teórica e prática, visando a práxis. Na primeira, busca a construção conceitual das disciplinas Midialogia Científica e Etnomidialogia por entender que elas são campos constitutivos de uma comunicação convergente e complexa, envolvendo a educação científica e os estudos midiáticos das diversidades das matrizes culturais.

¹⁶ Bueno, Wilson da Costa. Op.cit. p. 17.

¹⁷ Belau, Angel Faus. *La ciencia periodística de Otto Groth*. Pamplona (Espanha): Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra. 1966. p.16-17. In: Bueno, Wilson da Costa. Op.cit. p. 19.

¹⁸ Bueno, Wilson da Costa. Op.cit. p.20-21.

Para isso, apoiou-se em alguns referenciais como as Teorias das Mediações¹⁹; Teoria Geral dos Sistemas e Estudos Culturais²⁰.

Por se tratar de disciplinas recentes e em construção, a primeira etapa é a construção teórico-metodológica da Midialogia científica e da Etnomidialogia. Para isso, é importante buscar o processo histórico-cultural desses dois campos da comunicação na segunda metade do século XIX, quando se configura o jornalismo impresso.

Os jornais brasileiros nesse período adquirem as suas identidades e linhas editoriais a partir do debate político da mudança de Império para República. Os paradigmas Positivista, de Augusto Comte e Evolucionista, de Charles Darwin (que no Brasil ganha contornos de Darwinismo Social), estão presentes enquanto informação nos jornais e são usados para justificar o *Status quo* e os ideais de “civilidade” almejados pelas elites política e social brasileiras.

Nessa pesquisa foi possível observar os gêneros e formatos dos textos jornalísticos em matérias de divulgação científica que abordam as questões étnicas, raciais e de cunho geneticista; a influência dos aspectos culturais, políticos e econômicos sobre a divulgação científica nas páginas desses jornais; como as temáticas geneticistas, étnicas e raciais do século XIX, no ápice do conceito evolucionista de Darwin ainda continuam presentes na divulgação científica do século XXI, no ápice da engenharia genética. Isso reforça a idéia da importância desse período principalmente pela construção cultural que influenciou sobremaneira o século XX e tem influenciado este século.

Foram levantados os diferentes aspectos da Midialogia científica enquanto educação científica e os seus formatos. Para isso, é necessário a compreensão dos processos comunicacionais tais como a gestão da informação (newsmaking); o formato e gêneros dos produtos midiáticos e as suas diferentes produções de sentidos.

¹⁹ Martin-Barbero coloca que “a comunicação está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam as sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva. Assim, o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (Martin-Barbero, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2001. p. 270). Esse enfoque possibilita entender o campo da Etnomidialogia dentro dos pressupostos da Educomunicação.

²⁰ Os Estudos Culturais não configuram uma disciplina, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade. Por se configurar como um campo interdisciplinar e convergente, ele propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Com os trabalhos de Stuart Hall, houve desenvolvimento nos estudos etnográficos, na análise dos meios midiáticos e na investigação de práticas de resistências de *sub-culturas*. (Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, MG: UFMG. 2003).

Em relação à Etnomídia, possibilita conhecer as diferentes formações dos grupos minorizados e a construção das suas identidades e representações nos meios de comunicação midiáticos. O principal objetivo é entender em que medida aspectos ideológico-culturais constroem e desconstroem identidades no âmbito comunicacional.

Esta pesquisa também trabalhou os critérios de noticiabilidade não apenas no newsmaking, mas também como profissionais negros da área de comunicação pensam e repensam, elaboram e reelaboram a comunicação midiática. Em que medida existe polissemia ou monossemia em seus discursos.

Referências

BELAU, Angel Faus. *La ciência periodística de Otto Groth*. Pamplona (Espanha): Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra. 1966.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina. 1980

BUENO, Wilson da Costa. *O jornalismo como disciplina científica: a contribuição de Otto Groth*. SP: ECA-USP. 1972.

CANAVILHAS, João. *O domínio da informação-espetáculo na televisão*. Universidade da Beira Interior. Portugal: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. www.bocc.ubi.pt/canavillas-joao-televisao-espectaculo.html

FERREIRA, Ricardo Alexino. *Os critérios de noticiabilidade da mídia impressa na cobertura de grupos sócio-acêntricos em abordagem etnomidialógica*. São Paulo: ECA-USP. Tese de Livre-docência. 2011.

_____. *Olhares negros: estudo da percepção crítica de afro-descendentes sobre a imprensa e outros meios de comunicação*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) – ECA – Universidade de São Paulo.

_____. *A representação do negro em jornais no Centenário da abolição da escravatura no Brasil*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado) - ECA, Universidade de São Paulo.

_____. *Jornalismo Especializado-Jornalismo Científico: análise crítica, estudo de casos e a construção de novos paradigmas e de um novo currículo disciplinar*. Bauru: Faac-Unesp. Pesquisa Trienal. Mimeo. 2004.

_____. *Os grupos minorizados transformados em informação: representações, ideologias e construções da imagem de afro-brasileiros no jornalismo*. In:

Actas do III Sopcom; VI Lusocom e II Ibérico.

Volume III. Lisboa

(Portugal). <http://www.bocc.ubi.pt/~bocc/esp/autor.php3?codautor=1161>. 2005.

FOLHA DE S. PAULO. *Projeto editorial 1997*: Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático. SP: Folha de S. Paulo. 17 de agosto de 1997. p. 1-8; 1-9. Brasil.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1993.

O CRUZEIRO. Ano XXXIV. Número 3. São Paulo: Diários Associados Outubro de 1961.

REALIDADE. Ano VI. Número 64. Julho de 1971. São Paulo: Editora Abril.

_____. Ano III. Número 30. Setembro de 1968. São Paulo: Editora Abril.

SMITH, Anthony D. *A identidade nacional*. Trad. Cláudia Brito. Lisboa, Portugal: Gradiva. 1991.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem*: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes. 1999.

WILDER, Billy. *A Montanha dos sete abutres – Ace in the hole/The big carnival* (filme-vídeo). São Paulo: CIC Vídeo, s.d. 112min., p&b, son., VHS, v.o. inglês, leg. português.